

**DO SOCIÓLOGO À NATURÓLOGA, DA NATURÓLOGA AO SOCIÓLOGO**

Nelson Filice de Barros¹
Ana Cláudia Mor²

Este texto resultou de uma dupla entrevista, quando o sociólogo inquiriu a naturóloga, que inquiriu o sociólogo, que inquiriu a naturóloga... e que dialogaram. Nosso objetivo é trazer em linguagem direta e dinâmica, o conhecimento que se situa além da superfície do discurso. Com isso, não pretendemos a verdade, mas o exercício reflexivo; não almejamos o real, mas a exploração de nosso entendimento nesse tempo, espaço e contexto; não queremos convencer, mas explicitar as contradições de agora. Assim, este não é apenas um texto, mas uma performance na construção da autonomia.

Assumimos este formato dialógico convencidos por Adorno, Horkheimer, Habermas e Japiassu, pois, como eles, acreditamos que a razão ocidental só conseguirá escapar de sua tentação totalitária quando for capaz de partilhar a palavra, de instalar um fecundo diálogo e de levar muito a sério a comunicação aberta e franca.

Afirma Japiassu (2001) que o diálogo significa o esforço mútuo, mediante a *palavra*, a um encontro na verdade, que equivale a uma discussão na qual ninguém possui a palavra final nem tampouco é proprietário de princípios intangíveis e acabados. Em última instância, o diálogo é uma metodologia que no plano especulativo, opõe-se a sofisticada, que é a arte da argumentação enganadora; e no plano prático, opõe-se à violência, que é a recusa absoluta do outro.

Assim, ainda segundo o autor, devemos dialogar porque *nossa* verdade precisa ser concebida como um processo de constante construção calcada em apreensões diferentes da verdade. Não estamos certos de antemão e nossa verdade é um tornar-se verdade, que está fundada na crença racional e não imposta pela força das armas ou pela força da autoridade e da tradição. (JAPIASSU, 2001).

O diálogo que apresentamos abaixo aconteceu entre uma naturóloga e um sociólogo e gostaríamos que todos que o venham a ler sintam-se parte dele, pois: qualquer um de nós é a “matéria viva”, a experiência e a representação deste mundo que partilhamos.

¹ Coordenador do Laboratório de Práticas Alternativas Complementares e Integrativas em Saúde (LAPACIS), Departamento de Medicina Preventiva e Social – Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP.

² Pesquisadora e Assistente do LAPACIS. Contato: mor.anaclaudia@gmail.com,
lapacis1@fcm.unicamp.br

(Sociólogo) **Quais as principais contribuições da Naturologia para o campo da saúde?**

(Naturóloga) Eu acredito que a principal contribuição é a restituição da pessoa, enquanto responsável por seu processo de vida, corresponsável na verdade, porque a partir de que se está em uma relação terapêutica, o profissional da Naturologia assume a corresponsabilidade por esse processo de restituição. Acredito, também, que outra função importante é a indicação de um caminho e possibilitar que a pessoa tenha domínio sobre o processo de sua vida, seja em uma relação de interagência clínica, um atendimento individual, ou mesmo em grupos, com crianças, ou em qualquer outra forma de atenção.

(Naturóloga) **O que você imagina que é a Naturologia, quando ouve falar dela?**

(Sociólogo) A primeira imagem que me veio à mente foi do dia que eu disse sobre a Naturologia para uma amiga médica e ela argumentou

- “Ah, bicho-grilo agora é estudo universitário?”

Achei engraçado ela falar dessa maneira, Ela completou

- “Isso é coisa meio de hippie e é trazer um comportamento hippie para dentro da universidade.”

E aí aquilo mexeu comigo. E há algum tempo eu tenho pensado sobre o que vem a ser a Naturologia? O que vem a ser o estudo do natural? Porque o natural é um conceito que produz uma confusão muito grande... As pessoas usam o conceito de natural como se fosse sinônimo de sempre bem e nunca mal, nunca prejudicial a qualquer coisa.

- “Porque é natural é bom!”

Não necessariamente. O achado de uma pesquisa com mulheres em tratamento do câncer de mama mostrou que elas colocavam uma pasta à base de argila, cenoura e ervas na mama ferida, com o discurso de que é natural. No entanto, uma delas acabou tendo uma infecção seríssima na mama. Então, quer dizer, aquilo que poderia ser bom trouxe um elemento prejudicial para aquele contexto que já não era fácil. Enfim, quando penso a Naturologia, então, penso em, de alguma maneira, descartar essas visões preconceituosas em relação a uma prática que se pretende fundar como uma nova categoria do campo da saúde. Os meus estudos foram mais voltados, dentro do campo da saúde, para a prática médica e procurei entender o uso de práticas alternativas e complementares por médicos. E tarde, bem mais tarde, conheci a Naturologia. Não conheço em profundidade, mas quando penso a Naturologia hoje, penso em um conjunto de pessoas que adotou várias práticas e que está tentando construir uma nova profissão, ou um novo processo de profissionalização e exercício profissional, com técnicas que não são apenas as biomédicas ou convencionais.

(Sociólogo) **Quais os preconceitos mais comuns, associados à Naturologia, que você já identificou?**

(Naturóloga) O preconceito que mais aparece com constância é esse que você citou do “bicho-grilo”, de viver no mato... É um preconceito que existe em relação a alguns grupos sociais e que foi anexado à Naturologia. Se a pessoa tem preconceito com essa forma do “bicho-grilo” estar no mundo, então ela vai ter preconceito com a Naturologia. Este preconceito aparece de muitas formas em relação aquilo que a

Naturopatia propõe, por exemplo, em relação ao retorno à natureza e à utilização de coisas e recursos da natureza.

(Sociólogo) **Quais outros você já identificou?**

(Naturóloga) Acredito, que só esse. Desde que entrei na Naturopatia nunca sofri nenhuma outra forma de preconceito. Quando digo que sou naturóloga, ou procuro locais para trabalhar, as pessoas sempre querem saber mais sobre a Naturopatia e em nenhum momento recebi alguma forma de preconceito ou uma postura negativa. Já fizeram algumas pesquisas, na UNISUL, sobre a visão que alunos de outros cursos têm sobre a Naturopatia e o que aparece é essa questão relacionada ao “bicho-grilo”, aos *dreads* etc.. Uma opção de vida que é alternativa, que questiona a sociedade, e aí já se coloca um embate. Mas eu não consigo imaginar outra forma de preconceito.

(Sociólogo) Você traz elementos importantes, que tem a ver com o estilo de vida ainda associado com a perspectiva alternativa. E julgo que isso seja um dos elementos fundamentais da dificuldade dessa nova prática, dessa nova profissão, no campo da saúde. É uma profissão associada a uma dimensão alternativa, logo substitutiva, e que as pessoas, no campo da saúde, vem com muito, se não preconceito, muito desconhecimento e muita ressalva, porque parece aos profissionais da saúde uma coisa menos estruturada, exatamente por ser alternativa.

(Naturóloga) Outra questão que é discutida e que já foi questionada por outros profissionais da área da saúde, que eu não relacionei, a princípio, ao preconceito, mas que talvez seja o reflexo de um preconceito, é a questão da não cientificidade das práticas e das medicinas tradicionais. De fato, elas não são científicas porque não foram construídas a partir dos procedimentos considerados como científicos, porém elas têm racionalidade, são conhecimentos estruturados, que têm coerência. São palpáveis, mas vêm de outra forma de entender o mundo e de estar no mundo. Não é facilmente entendível para o Ocidente e para a perspectiva científica ocidental. Não é científico, porém tem coerência. Neste sentido, seria um preconceito...

(Naturóloga) **O que você imagina, que leve as pessoas a procurarem a Naturopatia, como possibilidade para cuidarem da sua saúde?**

(Sociólogo) Essa é uma pergunta difícil e a resposta é ampla. Dificilmente eu encontraria um único aspecto explicativo para isso. Quer dizer, *pra* quem não tem acesso ao serviço biomédico, o uso dessas práticas “naturais” é uma questão de acesso. *Pra* quem tem acesso a um determinado tipo de cuidado, não se sente confortável e busca a Naturopatia, a explicação é da busca por mais conforto, de acordo com valores e símbolos daquela pessoa. Por exemplo, quando uma pessoa diz: - “Ah isso é natural, não faz mal.”

Esse é um discurso, do ponto de vista do campo da saúde, de senso comum. Agora do ponto de vista de quem faz essa afirmação tem uma tripla possibilidade de entendimento: pode ser o exercício da autonomia, na medida em que o uso autônomo, sem consultar um profissional da saúde, é o exercício da capacidade de autocuidado; pode ser simbólico, no sentido de que a busca por uma vida próxima da natureza é mais saudável; pode ser uma opção clara, no sentido de ser, ou alternativa, ou complementar a outras práticas de cuidado, como, por exemplo, a restrição ao uso

de medicamento químico industrial em detrimento da prática de exercício de relaxamento, ou prática corporal que propicie produção de hormônios e que leve a um estado de relaxamento.

Então, para mim, uma pessoa buscaria a Naturologia porque ela não tem acesso a outra prática, ou porque é parte da sua dimensão cultural e ela tá fazendo um exercício de autonomia, ou porque ela tem exatamente entendimento do que é o cuidado biomédico, e opta por outra forma. Talvez seja as três coisas ao mesmo tempo...

(Naturóloga) **E você procuraria um naturólogo?**

Eu procuraria, com base no ponto de vista biológico, no ponto de vista psíquico, no ponto de vista simbólico, no ponto de vista espiritual e no ponto de vista econômico. Eu procuraria um naturólogo por vários motivos e com muita tranquilidade. E procuro.

(Sociólogo) **Se fosse possível comparar a que profissão do campo da saúde a Naturologia mais se aproximaria?**

(Naturóloga) Se eu pensar em termos epistemológicos, acho que se aproxima de nenhuma. Mas pensando na característica do profissional da Naturologia eu acho que se assemelha mais à Enfermagem, no sentido do cuidado. Ou seja, da pessoa que acompanha um processo de desequilíbrio ou desconforto e que cuida de fato, que faz um acolhimento, sem a preocupação de estar lá *pra* resolver o problema da pessoa, mas para acompanhar e para dar possibilidades de ela vivenciar aquele processo. As últimas diretrizes da Enfermagem são extremamente tecnicistas, então eu relaciono não à enfermagem enquanto procedimento técnico, mas no sentido do cuidado mesmo e das pesquisas e reflexões que têm sido feitas na Enfermagem no sentido do acompanhar o “sofrimento” e do acolhimento.

(Sociólogo) É interessante porque desse ponto de vista é a identidade com uma profissão que é “dominada’... Pensando na categoria de campo do Bourdieu, em que há dominados e dos dominantes, entendo que no campo da saúde existem essas forças e a Enfermagem é uma categoria dominada, dentro do campo da saúde. Logo, a identidade com um dominado no campo, dificilmente vai ganhar força, prestígio, capital, na linguagem do Bourdieu, em relação ao dominante. Assim, serve ao dominante ou vai entrar em rota de conflito, em rota de colisão com o dominante...

(Naturóloga) O que eu posso dizer quanto a isso é que nem todos os naturólogos responderiam a mesma coisa que eu. Na minha perspectiva de naturóloga, que tem a ver com a minha formação, “os fins não justificam os meios”. Então eu não relacionaria a minha perspectiva de cuidado, enquanto profissional de saúde, com uma perspectiva dominante, no sentido de ter mais capital, para vir a reconhecê-la socialmente ou não. Então, de fato acredito que estando na área da saúde e tendo contato com a produção bibliográfica das áreas e com os profissionais, a postura profissional que mais se assemelha seja realmente a da Enfermagem.

(Naturóloga) **O que a Sociologia da Saúde pode contribuir para a Naturologia e a formação de seus profissionais?**

(Sociólogo) Primeiro, pode contribuir como faz para qualquer categoria profissional do campo da saúde. Na medida em que a saúde é um campo de práticas muito técnicas e

aplicadas, na maior parte das vezes, falta escopo para essas técnicas pensarem sobre si mesmas e pensarem-se relacionalmente. Então, a Sociologia acaba trazendo condições para que o profissional consiga pensar sobre a sua prática do ponto de vista histórico, social, que conceba e compreenda a construção social daquela prática, a construção social dos papéis e dos modelos vigentes e hegemônicos. Então, eu acho que a Sociologia facilita o entendimento do que é a própria prática. Assim como, pode facilitar na compreensão do que é o processo de saúde/doença, como profissionais pensam o processo de saúde/doença e como pacientes pensam. Pode auxiliar no entendimento da interação entre profissional/profissional e profissional/paciente, quer dizer, o conjunto de relações intra-profissionais, relações interprofissionais e um conjunto de relações entre o profissional e o paciente. Nitidamente, a gente tem um debate em torno do que vem a ser os modelos de cuidado em saúde e como resultam políticas a partir desse modelo de cuidado. Penso, também, que contribui com um entendimento do que é a ruptura epistemológica em relação ao saber espontâneo do cuidado e a construção do cuidado profissional. Acho que a Sociologia tem condições de trabalhar bem e trazer muitos elementos de entendimento para a segunda ruptura, que seria traduzir esse conhecimento de cunho mais estruturado *pro* população usuária, de um saber de iniciados que deve ser disseminado. Acho que a Sociologia tenciona o campo da saúde quando coloca *pro* profissional a necessidade dele ser um cuidador além de ser um colonizador. Porque no campo da saúde, desde o seu início muito associado ao controle e à normatização das práticas, os profissionais têm ações muito colonizantes sobre a vida do outro e a Sociologia tenciona essa perspectiva. Na contribuição para a Naturologia, penso que além de todos esses pontos, a Sociologia pode ajudar um aluno A entender o grande desafio e o grande alcance que essa prática tem *pro* campo da saúde. O desafio de que ela exista, pois, para mim, a Naturologia é da ordem das práticas que pertencem ao campo da saúde, mas não existem no campo da saúde. Então ela sofre de uma invisibilidade e o naturologo tem que ter consciência disso, tem que ter clareza disso, para que consiga se situar no campo da saúde. Esse é um grande desafio. O potencial é que, no meu ponto de vista, essas práticas são as únicas possíveis para a reformada desse modelo de cuidado, que é caro, inoperante e que produz sofrimento nas pessoas. Então, eu acho que a Sociologia tem esse potencial, de abrir essas reflexões para o profissional da Naturologia.

(Sociólogo) Ana, investiguei o que leva profissionais reconhecidos socialmente a adotar práticas que o deslocam *pro* desconhecimento e identifiquei que parte é porque a pessoa sente que aquele modelo de cuidado e cura esgotou-se, parte por inquietação pessoal, por uma história pessoal, por uma experiência, alguma coisa nesse sentido e parte por uma busca incansável do profissional da saúde, pelo desejo de ajudar o outro e de cuidar melhor. Pergunto: o que leva uma pessoa a estudar Naturologia?

(Naturóloga) Acho que essas três coisas que você colocou estão envolvidas: algum acontecimento na vida, algum processo que a pessoa passou que a leva a procurar outra forma de entender a situação do processo de saúde-doença, outra forma de se colocar no mundo, outra forma de entender o mundo. Acho, de fato, que a principal é essa última, porque a maioria das pessoas dos estudantes de Naturologia tem uma ânsia por fazer alguma coisa diferente no mundo, estão insatisfeitos com o mundo que existe e tem necessidade de algo diferente. E acho que tem outros dois tipos de

escolha, uma que é influenciada pela questão mercadológica das práticas naturais, está na moda e é legal, então vamos fazer porque é a profissão do futuro, porque está crescendo... Outra, do grupo dos filhos de pais que já fizeram essa opção no passado e não necessariamente é uma ruptura porque já teve essa forma diferente na criação, com uma perspectiva diferente do mundo e que procura a Naturologia por ser, talvez, a única profissão que corresponde a essa visão. Mas, acho que a grande motivação mesmo *para* pessoas procurarem o curso de Naturologia é uma nova possibilidade de atuar no campo da saúde, outra perspectiva de cuidado. Mas, também, não sei se as pessoas já vêm com uma identidade, por que a maioria vai *para* Naturologia sem saber o que ela é de fato [como eu].

(Naturóloga) Como você vislumbra as perspectivas sociais e políticas da Naturologia no campo da saúde?

(Sociólogo) Agente está falando de um conjunto de práticas que ainda não tem reconhecimento legal. Eu penso que a Naturologia é um dos produtos/consequências da grande contradição que move esse movimento social das práticas complementares e integrativas nas últimas décadas. A gente nunca teve uma medicina tão sofisticada, com tanta informação, com tanta capacidade explicativa, com tanta tecnologia de imagem, de diagnóstico; quer dizer, a gente nunca teve uma prática médica tão precisa quanto tem hoje. Ao mesmo tempo, nos últimos 40 anos cresce, cresce e cresce a busca por práticas não associadas a essa medicina. Num determinado momento essas práticas tentavam substituir as práticas da medicina, num segundo momento tentaram complementar e agora colocam como perspectiva a construção de um lugar social que suporte mais de uma prática como modelo formal de cuidado e cura. Então *para* mim, a Naturologia, no Brasil, surge exatamente como um resultado, produto, dessa contradição que se instala no campo da saúde. As pessoas, ao mesmo tempo em que querem saber o que elas têm pela imagem - e ter a imagem é ótimo - ao mesmo tempo querem ser cuidadas e precisam ser cuidadas. A imagem diagnóstica não substitui o diálogo, o encontro e o contato. Então, nesse sentido, acho que tem uma ação social grande *para* ser explorada ainda com base nessa contradição. Eu não vou discutir se tem evidência ou não, se é bom ou não, não é nesse nível que eu vou entrar *para* discutir o assunto no campo da saúde. Eu acho que agente tem a obrigação de produzir conhecimento sobre e eficiência e eficácia das práticas, sobre o tipo de uso, a forma, os cuidados necessários, a gente precisa produzir esse conhecimento *para* que todos saibam. E *para* que também a gente consiga delimitar que isso não é uma panaceia que vai dar conta de tudo, por que não vai... Isso é questão de princípio: se vou trabalhar com a vida de outra pessoa, tenho que me encarregar de ser ético, de ser cuidadoso, de garantir informação e isso é o mínimo. Agora o que move o meu debate é o fato de que, por alguma razão, profissionais e pacientes não se sentem completos com esse modelo de cuidado biomédico e esse modelo nunca esteve tão desenvolvido como agora. Então, o que move essa contradição? Da qual, inclusive, surge a Naturologia no Brasil... Então vejo a Naturologia como um novo agente social no campo e politicamente um agente dominado, com pouco poder, que vai ter que fazer associações, fazer aproximações, sem abrir mão das suas posições centrais, mas que vão ter que entrar nesse embate do campo, tentando se identificar com outros agentes desse campo, que queiram ganhar espaço nessa contradição e que tenham

propostas nessa contradição. Não se trata de ganhar simplesmente espaço, mas de ter proposta.

(Sociólogo) Como eu dizia na resposta anterior, pra mim, a Naturologia é parte dos objetos que pertencem, mas não existem. Então, desse ponto de vista, eu vejo nitidamente uma invisibilidade social incidindo sobre o fazer do naturólogo. Ele não existe legalmente e ele existe muito pouco legitimamente, quero dizer, possivelmente pra nove em cada dez pessoas, você vai ter que explicar o que faz um naturólogo. Não tem um conjunto de leis que respalda e não tem uma tradição social de onde ela surge. Então, eu vejo [a Naturologia] pertencer ao campo da saúde, mas inexistir ainda. E aí, a questão é sobre o que move as pessoas a arcarem individualmente com o custo de pertencer, mas não existir, que coragem é essa? O que está mobilizado nessas pessoas que faz com que elas assumam esse ônus sozinhas?

(Naturóloga) Olha, isso é uma das grandes questões que eu vejo nas pessoas que estão na graduação e mesmo com pessoas que vêm perguntar sobre a Naturologia pensando em fazer ou não. Porque é um custo grande, você fazer um curso de graduação para não ter uma “nomeação social”. Não tem um reconhecimento, não sei se reconhecimento é a palavra certa, não tem uma visibilidade, acho que é o melhor jeito de chamar. E é bem comum naturólogos se formarem, saírem da faculdade e acabarem fazendo outra graduação. Ou terem um discurso tipo

- “eu desisti”

- “sou apaixonado pela Naturologia, mas fui fazer outra coisa”

- “vou fazer outro curso da área da saúde pra ter meu conselho e meu consultório tranquilo e vou trabalhar com os dois”.

De certa forma [esta última], é uma possibilidade que eu acho até válida, uma forma de você trabalhar de fato com a Naturologia, legalmente como você falou. Pra gente abrir um consultório tem que, por enquanto, se enquadrar em alguma nomeação que não é exatamente o que a gente faz, pra conseguir legalmente e institucionalmente se colocar. Agora, o que eu acredito... eu só posso falar de mim, mas eu acredito que o que move as pessoas, por um lado, é um sonho, no sentido de que os naturólogos vislumbram um futuro onde a gente vá atingir alguma coisa melhor que as de hoje. Por outro lado, são experiências pessoais de cada um, na Naturologia, que mostram que esse futuro já existe [é presente]. Eu acho o que me faz continuar é a lembrança das relações que eu tive na Naturologia, das vivências que eu tive lá, na minha formação, de ter, de fato, o mundo de uma forma diferente. Outras experiências de relações pessoais, outras experiências de cuidado. Então, acho que a força que mantém os naturólogos é o poder das nossas experiências, daquilo que tem significado... E esse é o poder que a gente tem de transformação. Como você falou não se trata da evidência, não se trata de comprovar que funciona, trata-se de mostrar que é uma experiência positiva.

Vejo, também, que não arco individualmente com esse custo. Se em algum momento a “invisibilidade social” me parece pesada, e pareço não existir, um naturólogo, uma conversa, um lugar surge e lembro que o sonho não é só meu. Existo! Em um lugar construído, partilhado, chamado Naturologia. Existo a partir de que há outro que me compreende, que me reconhece. Não assumo um ônus sozinha, estou com todos que carregam consigo as inquietações do mundo, partilhamos. Se muitas dessas pessoas se

encontram nessa formação e buscam o “lugar melhor” através dela, nossa melhor estratégia só pode ser carregarmos juntos o custo e partilharmos o desafio, alimentando-nos uns dos sonhos, desejos e conquistas dos outros.

(Sociólogo) É interessante como de alguma maneira você respondeu a sua pergunta anterior sobre qual é a potência social e política da Naturologia. Concordo que é essa de um agente que pensa o mundo diferente e que se joga corajosamente nesse fazer-se fazendo. Essa é a experiência de acreditar que existe um lugar melhor, de olhar para esse lugar e se jogar no que existe agora, *pra* tentar criar outra forma para o futuro. Essa é uma ação política!

(Naturóloga) **Uma última pergunta, que de certa forma já foi respondida, mas... Quais seriam as sugestões de um sociólogo, tendo em vista a questão política da profissão, para os naturólogos? Como os naturólogos podem agir, qual o direcionamento que devem ter enquanto ação social e política, em vista do reconhecimento profissional, no sentido de eles poderem estar no mundo legitimamente?**

(Sociólogo) Olha, eu penso que existem vários projetos possíveis. Mas, do ponto de vista sociológico, creio que é inevitável observar que se trata de um conflito. É necessário que se identifique que o projeto da Naturologia não está no lugar de uma reprodução social, mas no lugar de uma mudança social. Portanto, inevitavelmente, mexe com “estruturas estruturadas”, colocando-se como uma “estrutura estruturante”, do ponto de vista bourdiano, de um novo modelo de saúde/doença, um novo modelo de cuidado e cura. Então, não vejo muita saída a não ser assumir este lugar de conflito e trabalhar dentro dele. Mas, sobretudo, sem deixar morrer essa visão de futuro de um lugar melhor. É bem a ideia do guerrilheiro Che Guevara, que disse “tem que endurecer, mas sem perder a ternura”.

Acho que ter acesso as práticas da Naturologia não deve ser um privilégio, não pode ser colocado como um privilégio de quem pode pagar e não pode ser colocado como caridade, mas deve ser direito. Acho que as pessoas têm que ter o direito de desfrutar das práticas da Naturologia! Só isso já justifica a continuação do embate... Agora, é preciso manter vivo o símbolo que move a paixão por ser naturólogo e a perspectiva libertadora de cuidar-se enquanto cuida, de curar-se enquanto cura, de identificar-se enquanto lida com o diferente. Essa perspectiva que mantém as pessoas agindo e continuando a acreditar que é possível fazer Naturologia no Brasil, como uma prática profissional que cuida de aspectos que a mais sofisticada prática biomédica não consegue cuidar. Exatamente no sentido do ensinamento de Paulo Freire de uma “pedagogia da autonomia”, pois existe uma forma de ensinar a ser autônomo e eu acredito que a prática da Naturologia pode ensinar as pessoas a serem autônomas em relação ao seu processo de saúde e doença. Agora, isso é um processo, é lento e não é linear. Algumas pessoas vivem o processo simultaneamente, outras levam décadas no processo. Nenhum é melhor do que o outro, porque são pessoas vivendo as próprias vidas. Então manter essa perspectiva é fundamental, para que o profissional continue acreditando que ele de fato pode ajudar, que ele de fato tem um papel a cumprir no cuidado das pessoas. Enquanto Sociólogo, vejo a dupla necessidade: da ação organizada, política, interventora, que assume o conflito; e da ação simbólica que mantém vivo a chama, a crença, a paixão, que não deixa morrer esse lugar utópico.

Estou seguro de que essa dupla energia é que pode fazer com que um o projeto da Naturologia vingue no campo da saúde e se uma delas morrer é possível que consigam pertencer ao campo da saúde, mas continuarão inexistindo.

(Sociólogo) Ana, você sente que a invisibilidade social da Naturologia produz alguma forma de humilhação social?

(Naturóloga) Eu acho que a noção de humilhação pode ser considerada aí como subjetiva, no sentido de que a pessoa se sente humilhada ou não com determinada situação. Como eu já falei, eu nunca sofri nenhuma forma de preconceito, mesmo tendo que explicar *pras* pessoas o que eu faço. Mas podem ocorrer situações, não só com naturólogos, mas com qualquer profissional que esteja atuando com práticas contra-hegemônicas; por exemplo, alguém entrar um dia no consultório e você ser impedido de exercer a sua prática ou a sua profissão. Isso pode acontecer com naturólogos, seria uma forma de humilhação social, mas eu gostaria de ter humilhação como um conceito subjetivo, nesse caso. O naturólogo pode se sentir humilhado ou não. Isso pode colocar a pessoa *pra* baixo, ou também pode trazer uma força. Como você disse, a gente tem que ter consciência de estar “dominado” e de estar em um lugar de conflito, para que em uma situação de possível “humilhação” isso não seja impactante, nos valores e símbolos. Então, eu não sei, se que de alguma forma a invisibilidade produz uma humilhação social, eu preferiria não chamar a ação, por exemplo, de um órgão regulador que impede uma prática, de humilhação, mas pode ser que um naturólogo vá se sentir humilhado em um caso deste. E eu prefiro acreditar que isso vá fortalecer e não rebaixar.

REFERÊNCIA

JAPIASSU, Hilton. **Nem Tudo é Relativo: a questão da verdade**. São Paulo: Editora Letras e Letras, 2001.

NELSON FILICE DE BARROS (Sociólogo) e ANA CLAUDIA M. B. LEITE- MOR (Naturóloga). **Do Sociólogo à Naturóloga, Da Naturóloga ao Sociólogo**.Campinas, 17 de maio de 2011.Gravado no LAPACIS-DMPS-FCM-UNICAMP com gravador de voz.